

## “O ser do qual não é possível pensar nada maior”: uma exposição do Argumento Ontológico do *Proslógio* e a resposta de Anselmo à crítica de Gaunilo

Adson Marinho Ferreira<sup>1</sup>

*Então, Ó Senhor, tu que nos concedestes a razão  
em defesa da fé, faze com que eu conheça,  
até quanto me é possível, que tu existes assim como  
acreditamos, e que és aquilo que acreditamos.  
Santo Anselmo d'Aosta*

Resumo: A partir da obra *Proslógio* desenvolvida por Santo Anselmo, buscaremos analisar a prova da existência de Deus. Partindo de uma concepção a priori, de que Deus é “o ser no qual não é possível pensar nada maior”, constituindo uma tentativa de racionalizar a fé, ou seja, provar a existência de Deus sem precisar recorrer a uma base bíblica, e sim simplesmente pelo pensamento racional. Gaunilo de Marmoutier, discípulo de Anselmo, toma

---

1 Bacharel em filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco/UNICAP. Este artigo científico é o resultado do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, aprovado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Filosofia, em dezembro de 2017, sob a orientação do Prof. MSc. Gerson Francisco de Arruda Júnior. Bacharelado no curso de teologia da Faculdade Dehoniana, Taubaté/SP.

a defesa do insensato e elabora uma forte crítica a este argumento, contestando a prova anselmiana. Isso faz com que o Santo d'Aosta reconsidere sua linha de raciocínio, dando força ao seu *Argumentum Unicum*.

Palavras-chave: Argumento Ontológico; Existência de Deus; Razão; Anselmo; Gaunilo.

Abstract: Starting with the work "Proslógio" developed by Saint Anselm, we shall attempt to analyse the proof of God's existence. Beginning with an argument a priori that God is "the being about which it is impossible to conceive of one greater", constituting an effort to rationalize the faith, in other words, to prove the existence of God without necessarily using a biblical basis, but simply using rational reflection. Gaunilo de Marmoutier, a disciple of Anselm, defends the insensible and elaborates a strong criticism of this argument, questioning the anselmian proof. This causes the Saint of Aosta to reconsider his line of thinking, reinforcing his "Argumentum Unicum".

Keyword: Ontological Argument; Existence of God; Reason; Anselm; Gaunil.

## Introdução

O presente artigo faz uma análise do argumento ontológico de Anselmo d'Aosta, tal como está desenvolvido no *Proslógio*. Para a explicitação e desenvolvimento da pesquisa o trabalho foi dividido em três momentos. O primeiro desenvolverá o tema acerca da determinação mais precisa do *Proslógio* e do porquê Anselmo abandonou o programa do *Monológio*. Ao determinar a dita diferença e a preferência do *Proslógio* sobre o *Monológio*, espera-se delimitar um panorama seguro, ainda que limitado, acerca do programa filosófico do *Proslógio*, sua estrutura, seus argumentos e sua atualidade. O segundo momento reconstrói a crítica de Gaunilo ao *Proslógio*, dividindo, para fins de argumentação, a referida crítica em oito pontos, onde espera-se apresentar uma fiável reconstrução do argumento *anti-proslógio*. Por fim, o terceiro momento se propõe a reconstruir a refutação de Anselmo aos argumentos de Gaunilo. Delimitar-se-á a estrutura da refutação de Anselmo em paralelo com a estrutura do *Proslógio* para, apenas após esta reconstrução, buscar demonstrar o caráter frágil da argumentação de Gaunilo face ao *Proslógio*.

## 1. Exposição do argumento ontológico de Santo Anselmo

Desde Kant, a existência de Deus no *Proslógio* ficou conhecida como argumento ontológico. Esse tema é de fundamental importância para os pensadores escolásticos, mais especificamente porque Anselmo teve a oportunidade de introduzir uma nova linha de pensamento filosófico, criando um conhecimento racional da existência de Deus, uma tentativa clara de racionalizar a fé. Tal empreendimento ainda é um importante tema para a filosofia atual.

### 1.1 O que é o Proslógio?

Anselmo d'Aosta (1033-1109), seguidor fiel de Santo Agostinho, desenvolveu em suas principais obras seus conhecimentos através da experiência de fé, que resulta na confluência dos escritos de Agostinho, expondo a existência de Deus com o raciocínio e com a dialética. As principais obras que aprimoram este pensamento são o *Monológio* e o *Proslógio*. Nelas estão contidos indícios argumentativos de um fundamento racional da existência de Deus. Anselmo reconhece que tal tarefa era muito difícil. Ele mesmo diz que: “dei-me conta de que essa obra era difícil de ser entendida devido ao entrelaçamento das muitas argumentações... Por fim, desanimado, procurei deixar de lado a tarefa, julgando impossível conseguir o que buscava”.<sup>2</sup>

Contudo, no *Proslógio*, ele reconsidera a questão e a leva a cabo. “Então comecei a pensar comigo mesmo se não seria possível encontrar um único argumento que, válido em si e por si, sem nenhum outro, permitisse demonstrar que Deus existe verdadeiramente e que Ele é o Bem Supremo, não necessitando de coisa alguma... Um argumento suficiente, em suma, para fornecer provas adequadas sobre aquilo que cremos acerca da substância divina”.<sup>3</sup>

Ao demonstrar uma insatisfação ao realizar sua primeira tentativa no *Monológio*, baseada em um argumento *a posteriori*, Anselmo decide deixá-lo para trás e iniciar um novo argumento

---

2 ANSELMO, *Proslógio*, 1973, p. 103.

3 *Ibidem*.

baseado em um raciocínio único, no que ele chama de *fides quaerens intellectum* (A fé buscando o entendimento).

“Mal acabei de escrever um opúsculo, acedendo aos pedidos de alguns irmãos, o qual servisse como exemplo de meditação sobre os mistérios da fé para um homem que busca, em silêncio, descobrir, através da razão, o que ignora... Ao dirigir com zelo e frequência o pensamento do opúsculo anterior, às vezes parecia-me ter alcançado o objetivo, outras, tinha a impressão que se me embaciava a mente”.<sup>4</sup>

Se Santo Anselmo se distinguiu por sua bondade, sem dúvida também se sobressaía por sua tendência filosófica e metafísica. Para ele, era uma necessidade compreender como são as coisas e conhecer as causas.<sup>5</sup> Ao elaborar este raciocínio ontológico, Anselmo influencia também argumentos de grandes nomes na história da filosofia. Alvin Plantinga, um filósofo contemporâneo, foi um deles. Ele afirma que: “Apesar de certamente parecer à primeira vista, que o argumento não pode ser sólido, é profundamente difícil dizer o que há exatamente de errado nele. Na verdade, não creio que algum filósofo tenha alguma vez apresentado uma refutação cogente e conclusiva do argumento ontológico, nas suas várias formas”.<sup>6</sup>

O argumento anselmiano faz levantar muitos questionamentos, e auxilia também em formulações de raciocínios de outros pensadores, no que se refere à prova da existência de Deus, tendo em vista que muitos filósofos tinham sempre algo a comentar sobre o *Proslógio*. Assim, afirma Battista Mondin:

A via aberta por Santo Anselmo parecia promissora; de fato, logo foi percorrida por muitos pensadores, tanto na Idade Média como na época moderna, modificando-se, às vezes, a constituição metafísica da essência divina de onde se deduz a existência de Deus. Assim, para Boaventura é o ente; para Scoto, o infinito; para Descartes, a perfeição; para Spinoza, a substância; para Leibniz, a possibilidade;

4 *Ibidem*.

5 Sérgio Ricardo STREFLING, *O argumento ontológico de Santo Anselmo*, 1997, p. 13.

6 Alvin PLANTINGA, *Deus, a liberdade e o mal*, 2012, p. 110.

para Rosmini, o ser. O procedimento, porém, e todos os casos é o mesmo: parte-se da idéia de Deus (definido como o Máximo, o infinito, o perfeito, o possível incondicionado, o ser etc.) para evidenciar sua realidade objetiva, efetiva, subsistente.<sup>7</sup>

O *Proslógio* é uma nova tentativa de Anselmo para provar a existência de Deus. Para os escolásticos, seu argumento era conhecido como *Argumentum Unicum*, pois trata-se de uma prova que busca um argumento único, sem precisar de qualquer outro para apoiar-se. Quanto a isso, afirma Reale: “E esse, com efeito, foi o programa de Anselmo: *esclarecer com a razão aquilo que já se possui com a fé*. Era esse o pedido que os monges lhe haviam feito: que aquilo que é revelado *não fosse apenas imposto com a autoridade da Escritura, mas também resplandecesse com a luminosidade do raciocínio*”.<sup>8</sup>

É a fé que fornece o conhecimento, com o esforço do ser humano em buscar conhecer a si mesmo e chegar ao conhecimento Daquele quem o criou. Por isso, o ponto de partida está no movimento transcendental que está intrínseco no ser humano, que constitui a busca incansável da origem de sua existência. A fé nos proporciona a definição de Deus; é o que movimenta a ação intelectual de Anselmo, e que torna a sua obra original no que se refere à prova da existência de Deus com a via da razão, pois se trata de tentar conhecer a essência divina com estruturas lógicas de um raciocínio. “A originalidade do argumento de Santo Anselmo consiste no fato de que a existência de Deus não é reconhecida por meio de uma trajetória de pensamento que passa pelo mundo, antes, deriva do simples conhecimento da essência divina”.<sup>9</sup>

Com efeito, o crente não busca entender para crer, mas, sobretudo, crer para entender, tendo em vista que a fé é um dom ao homem para compreender aquilo que foi lhe dado como potencial. Não se trata apenas de uma compreensão de Deus, senão de uma profunda meditação. Deus não é um pressuposto duma hipó-

7 Battista MONDIN, *Quem é Deus: elementos de teologia filosófica*, 1997, p. 213.

8 Giovanni REALE, *História da filosofia*, 1990, p. 501.

9 Battista MONDIN, *Quem é Deus: elementos de teologia filosófica*, 1997, p. 213.

tese, mas sim do que já está presente a nós. Dessa forma, pode-se refletir sua presença real.

Tendo em conta que a fé requer dedicação do homem para com Deus, é o indivíduo que acredita e que compreende. Este argumento aplica-se aos conhecimentos da antropologia filosófica, no qual o passo para o conhecimento da essência divina parte do homem, pois já existe dentro de si uma disposição para conhecer o Criador.

É importante destacar que o filósofo d'Aosta menciona uma distinção entre fé viva e fé morta. A fé viva é uma fé operante, ativa; e a fé morta é uma fé desinteressada. Fé viva é “crer em”. Fé morta é crer apenas<sup>10</sup>. Na fé viva, há um impulso para buscar e compreender; na fé morta, há uma passividade, que se limita a crer somente para o que ela direciona. Anselmo elaborou este pensamento em sua primeira prova da existência de Deus no *Monólogo*. “Por isso, portanto, assim como a fé que opera pelo amor revela-se viva, assim aquela que, por falta de interesse, permanece inativa, revela-se morta. Consequentemente, pode-se afirmar, com bastante conveniência, que a fé viva consiste em crer naquilo em que se deve crer; e que, ao contrário, a fé morta é crer somente aquilo que se deve crer”.<sup>11</sup>

No *Argumentum Unicum*, Anselmo retoma essa perspectiva da fé viva e da fé morta, mostrando a necessidade que o crente tem de conhecer seu Criador. Que o indivíduo que tem fé não se contenta e sempre busca conhecer cada vez mais. E quando o homem perde o sentido da felicidade para o qual foi criado, influencia naquilo que ele é. Nisso o homem se encontra encurvado no pecado, mas busca erguer-se. “Ó Senhor, encurvado como sou, nem posso ver senão a terra; ergue-me, pois, para que possa fixar com os olhos o alto. As minhas iniquidades elevaram-se por cima da minha cabeça, rodearam-me por toda parte e oprimem-me como um fardo pesado”.<sup>12</sup>

Deste modo, percorrendo o caminho racional desenvolvido pela fé, Anselmo faz menção ao profeta Isaías 7,9 “*Nisi credideritis*

---

10 Sérgio Ricardo STREFLING, *O argumento ontológico de Santo Anselmo*, 1997, p. 44.

11 ANSELMO, *Proslógi*, 1973, p. 97.

12 *Idem*, p. 107.

*non intellegitis*”, “Se não crerdes, não compreendereis”. No trajeto de seu argumento ontológico, Anselmo sempre fará o homem recordar a sua essência, o seu princípio vital, que está em Deus. Por este motivo, todo o capítulo I do *Proslógio* está dedicado a uma prece, voltada inteiramente a Deus, no qual o homem anseia por buscar conhecer-se e encontrar a verdade.

Ó Senhor, Tu és o meu Deus e o meu Senhor, nunca te vi. Tu me fizeste e resgataste e tudo o que tenho de bom devo-o a Ti. No entanto, não te conheço ainda. Fui criado para ver-te e até agora não consegui aquilo para que fui criado. Oh! Quão miserável é a sorte do homem que perdeu aquilo por que foi feito... Tem piedade de nossos sofrimentos e esforços para chegar a ti, pois, sem Ti, nada podemos... Rogo-te, ó Senhor, que o meu desespero não destrua este meu suspirar por Ti... Ó Senhor, reconheço, e rendo-te graças por ter criado em mim esta tua imagem... Mas ela está tão apagada em minha mente... mas, desejo, ao menos, compreender a tua vontade, que o meu coração crê e ama. Com efeito, não busco compreender para crer, mas creio para compreender. Efetivamente creio, porque, se não cresse, não conseguiria compreender.<sup>13</sup>

Esse discurso em forma de prece está construído numa ideia *a priori*, impelindo ao homem a submissão à grandeza de Deus. O indivíduo que busca compreender a Deus tem de ter consciência de sua miserabilidade, ou seja, de que é inferior à grandeza divina, e só Nele encontra a verdade e toda graça. Só em Deus o homem é verdadeiramente homem, pois é a imagem e semelhança de Deus. Por isso, a iniciativa de pensar em si mesmo. Feito isso, pensará também Naquele do qual é sua imagem. Nesta prece, salientar-se também a inacessibilidade de Deus, caracteriza-se pela distância entre o homem e seu Criador. Deus habita uma luz inacessível.

Eis-me, ó Senhor meu Deus, ensina, agora, ao meu coração onde e como procurar-te, onde e como encontrar-te. Senhor, se não estais aqui, na minha mente; se estás ausente, onde

---

13 ANSELMO, *Proslógio*, 1973, p. 105-107.

poderei encontrar-te? Se tu estás por toda parte, porque não te vejo aqui? Certamente habitas uma luz inacessível... Pobre e miserável que sou, fui em busca do rico e misericordioso... Ó Senhor, reconheço, e rendo-te graças por ter criado a mim esta tua imagem a fim de que, ao recordar-me de ti, eu pense em ti e te ame.<sup>14</sup>

A intenção que Anselmo quer enunciar é que o homem tem a necessidade de buscar a grandeza de Deus e, para isto, Deus se revela a nós e nos ensina encontrá-lo. Assim, aos poucos, Anselmo vai construindo seu raciocínio *a priori*, baseando-se na ideia de grandeza de Deus, proposto por experiência da fé. Por isso, “compreender sua fé é aproximar-se da própria visão de Deus”<sup>15</sup>.

## 1.2 Explicação do argumento

“Então, Ó Senhor, tu que nos concedestes a razão em defesa da fé, faze com que eu conheça, até quanto me é possível, que tu existes assim como acreditamos, e que és aquilo que acreditamos”.<sup>16</sup> Segundo Martines<sup>17</sup>, o *Proslógio* é constituído por uma estrutura alocutiva e impessoal. Vejamos a organização da obra na seguinte forma:

a. Na primeira, que se apresenta logo no capítulo 1, podemos verificar a presença de dois auditores: Deus e o próprio rogante. Há ainda, ao longo do capítulo, a existência de uma meditação e de uma prece;

b. A segunda, bem mais recorrente no *Proslógio*, é marcada por uma orientação especulativa, como ocorre, por exemplo, em grande parte do capítulo 2, exatamente a partir da intervenção do insensato. Isso se dá uma dialética rigorosa, onde cada palavra parece ser escolhida de modo consciencioso.

Nas primeiras linhas do capítulo 2, já podemos perceber a articulação do argumento, e isso se reveste de uma importância pri-

14 *Ibidem*.

15 Etienne GILSON, *A filosofia da Idade média*, 1995, p. 292.

16 ANSELMO, *Proslógio*, 1973, p. 107.

17 Cf. Paulo Ricardo MARTINES, *O “Argumento Único” do Proslógio de Anselmo de Cantuária*, 1997, p. 88.

mordial. Destacamos dois tópicos significativos: o primeiro tópico designa dois principais conteúdos que serão discutidos durante sua obra: o ser de Deus e sobre a essência de Deus; o segundo designa o foco do filósofo: a fé. Anselmo não parte de proposições lógicas para aprimorar seu *Argumentum Unicum*, mas da sua profissão de fé. No decorrer da obra, podemos observar uma junção entre a experiência de fé com a experiência reflexiva. “Identificaremos ao longo do *Pros-lógio* como uma experiência de fé relaciona-se com uma experiência reflexiva,... Essa experiência reflexiva tem validade universal, isto é, vale também para o insensato... Poderemos dizer que a reflexão anselmiana instaura verdadeiramente uma reflexão filosófica, o que, de forma alguma, minimiza a importância da fé”.<sup>18</sup>

Considerando que este argumento, por princípio, é formado para aqueles que creem, Anselmo declara que “Deus é o ser do qual não é possível pensar nada maior”. A presunção anselmiana parte da noção de ideia de Deus. O objetivo do filósofo não é delimitar a prova da existência de Deus numa compreensão conceitual, pois o conceito é uma definição fechada e limitada, diferente do que pensamos ser “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, uma vez que ao pensar neste ser que é maior que tudo o que possa ser pensado, não podemos restringi-lo; ao contrário, será abrangente a noção d’Ele. Com essa alegação, evidencia-se aquilo que Santo Agostinho proferiu em sua obra *A Trindade*, quando afirma “Deus sempre maior”. “Ao passo que, *na suprema Trindade, uma coisa só* (ideia de Deus) *é tão grande quanto três coisas juntas e duas não são maiores do que uma*”<sup>19</sup>.

Para ele, este pensamento é a base para a prova da existência de Deus, pois até o insensato, que diz em seu coração “Não há Deus, Deus não existe” (Sl 53), ouvindo isto, através do raciocínio lógico, compreende o que é falado.

“Cremos, pois, com firmeza, que tu és um ser do qual não é possível pensar nada maior. Ou será que um ser assim não existe por que “o insensato diz em seu coração: Deus não existe?”. Porém, o insipiente, quando eu digo: “que o ser do qual não se pode pensar nada maior”, ouve o que digo e o compreende. Ora, aquilo que ele

18 *Idem*, p. 53-54.

19 ANTISERI, Dario; Giovanni REALE, *História da filosofia*, 1990, p. 449.

compreende se encontra em sua inteligência, ainda que possa não compreender que exista realmente”.<sup>20</sup>

Este raciocínio decreta que o insensato que nega a existência de Deus compreende o que é falado quando diz “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, mesmo não acreditando realmente em sua existência.

Na verdade, ter a ideia de um objeto qualquer na inteligência, e compreender que exista realmente, são coisas distintas. Um pintor, por exemplo, ao imaginar a obra que vai fazer, sem dúvida, a possui em sua inteligência, porém, nada compreende a existência real da mesma, porque ainda não a executou. Quando, ao contrário, ao tiver pintado, não a possuirá apenas na mente, mas também lhe compreenderá a existência, por que já a executou. O insipiente há de convir igualmente que existe na sua inteligência “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, por que ouve e compreende essa frase; e tudo aquilo que se compreende encontra-se na inteligência.<sup>21</sup>

Para admitir que não exista nada maior acima do “ser do qual não é possível pensar nada maior”, é necessário crer em sua existência real. Assim, o insensato não poderia negá-lo, se o mesmo não existisse na realidade, ou seja, não pode apenas tê-lo em seu intelecto, dado que, para poder ruminar que “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, é necessário crer também em sua presença de fato.

Em vista disso, o insensato que exprime que Deus não existe está se contradizendo, se essa ideia existe apenas na inteligência, torna-se menor do que existe na realidade. Logo, uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo, dado que, se ele compreende em sua inteligência que “o ser do qual não é possível pensar nada maior” exista, e sendo capaz de apreender esta proposição em seu pensamento, é impossível negar o “ser do qual não é possível pensar nada maior” na realidade. Uma vez que o crente quando es-

---

20 ANSELMO, *Proslógio*, 1973, p. 108.

21 *Ibidem*.

cuta esta proposição que “o ser do qual não é possível pensar nada maior” exista propriamente em sua inteligência, põe em questão a negação do insensato.

O argumento prossegue como uma *reductio ad absurdum*, em que se pretende expor a contradição pronunciada do insensato. A formulação do raciocínio é: se Deus é “o ser do qual não é possível pensar nada maior” e compreendendo isso através do pensamento racional, então necessariamente tenho de crer em sua existência real, dado que seria impossível conceber “o ser do qual não é possível pensar nada maior” em meu intelecto, se o mesmo não existisse propriamente na realidade. “Se, portanto, “o ser do qual não é possível pensar nada maior” existisse somente na inteligência, este mesmo ser, do qual não se pode pensar nada maior, tornar-se-ia o ser do qual é possível, ao contrario, pensar algo maior: o que, certamente, é absurdo. Logo, “o ser do qual não é possível pensar nada maior” existe, sem dúvida, na inteligência e na realidade”.<sup>22</sup>

À vista disso, Anselmo, com este argumento, quer afirmar que o insensato se contradiz, quando fala que “o ser do qual não é possível pensar nada maior” existe como objeto mental, mas não existe no mundo real, que para o filósofo julga incoerente esta afirmação. A pretensão deste argumento é expor que Deus é maior se existe na realidade do que se existe só no pensamento, ou seja, ao compreender que “o ser do qual não é possível pensar nada maior” exista como objeto mental, sua existência na realidade, será maior do que a apreensão no pensamento.

Percebemos, pois, a finalidade do argumento de Anselmo: ao provar a compreensão da ideia de Deus no intelecto, e evidenciar a sua grandeza posta na realidade, o filósofo irá provar juntamente a impossibilidade da inexistência de Deus, ou seja, não é possível nem pensar que Deus é um ser inexistente.

A este o primeiro raciocínio segue-se imediatamente um segundo, que é quase o inverso daquele, e revela a intenção de Anselmo. O ser em comparação ao qual não se pode pensar

---

22 *Ibidem.*

outro maior não pode ser pensado como não existente. É inegável que somos capazes de pensar algo que não pode ser pensado como não existente. E este algo certamente é maior do que aquilo que se pode pensar como não existindo. De sorte que tornamos à mesma contradição de antes: se o ser em comparação ao qual não se pode pensar outro maior pode ser pensado como não existente, segue-se que o ser que não pode ser pensado como maior nem como não existente é maior que o primeiro: conclusão evidentemente contraditória.<sup>23</sup>

A estrutura do argumento ontológico segue em:

- a. Levar o indivíduo a buscar e conhecer a Deus, através da fé;
- b. Ter a consciência de que existir no intelecto já é verdadeiramente existir;
- c. Na organização lógica da ideia de Deus, determina a prova de sua existência real;
- d. O que existe na realidade é maior e mais perfeito do que apenas no pensamento; e
- e. Rejeitar a existência na realidade do “ser do qual não é possível pensar nada maior” é contradizer-se.

Em resumo, podemos observar a força do argumento anselmiano que, uma vez compreendida a prova existencial de Deus no intelecto, nos impede de presumir qualquer negação em relação do que foi entendido logicamente. Para Anselmo, se existe uma certa contradição em negar algo, então este algo existe. Constatamos uma profunda confiança na lógica, no que concerne à verdade da existência de Deus, pois a verdade lógica sustenta a verdade ontológica. Inferimos a consolidação desta prova ontológica, através da noção de verdade das proposições necessárias, ou seja, as proposições do qual a negação traz consigo contradição, são necessariamente verdadeiras. Portanto, as proposições necessárias resultam na existência de seus objetos.

---

23 Philotheus BOEHNER; Etienne GILSON, *História da filosofia cristã*, 2007, p. 265.

## 2. Objeções do monge Gaunilo ao argumento ontológico anselmiano

Santo Anselmo d'Aosta estava convicto de que sua conclusão *a priori* da prova da existência de Deus com o auxílio do conhecimento racional estava bem fundamentada. Porém, o monge Gaunilo de Marmoutier faz uma forte crítica ao argumento anselmiano, em sua obra "*Livro em favor de um insipiente*". Nesse capítulo, buscaremos explicar de forma clara a objeção do monge Gaunilo à prova do argumento ontológico.

### 2.1 Contestação de Gaunilo ao argumento anselmiano

Embora reconhecesse e admirasse com muita sinceridade o *Proslógio*, Gaunilo não se contenta com o argumento proposto pelo bispo de d'Aosta e toma partido em defesa do insensato. O monge escreve sua contestação em favor do insipiente. Para Boehner e Gilson: "Gaunilo, um monge de notável agudeza de espírito, residente no mosteiro de Marmoutiers, perto de Tours, não se convencerá com a argumentação de Anselmo. Embora lhe admirasse sinceramente a obra, em vista da inegável riqueza de seu conteúdo, Gaunilo contesta a validade da prova nela exposta, e, neste ponto, prefere tomar o partido do insensato".<sup>24</sup>

Vale ressaltar que Gaunilo não rejeita o argumento ontológico de Santo Anselmo; ao contrário, tem um grande respeito por ele, uma vez que a prova apresentada pelo filósofo d'Aosta diz respeito à prova da existência de Deus. Ele apenas considera que o argumento tem pouca robustez.

Sua posição diante do *Argumentum unicum* está fragmentada em sete pontos específicos, nos quais Gaunilo expõe sua objeção, formando seu raciocínio crítico ao *Proslógio*, e num oitavo ponto, no qual o monge apresenta seus agradecimentos, salientando admiração pela obra.

---

24 Philotheus BOEHNER; Etienne GILSON, *História da filosofia cristã*, 2007, p. 267.

a. Primeiro ponto

Inicialmente, Gaunilo relembra a estrutura do argumento ontológico feito por Anselmo, elencando todo o percurso lógico-racional realizado para chegar à conclusão da prova da existência de Deus.

O monge de Marmoutier apresenta com afinco a organização feita por Anselmo para elaborar seu *Argumentum unicum*.

Para quem, por acaso, duvide ou negue que existe uma ‘natureza da qual não é possível pensar nada maior’, argumenta-se que: primeiro, demonstra-se que essa natureza existe pelo fato de que quem duvida dela ou a nega já a tem na sua inteligência, pois, ao ouvir-lhe pronunciar o nome, consegue compreender o sentido daquilo que lhe é afirmado. Em segundo lugar, pelo fato de que quem nega consegue compreender o que lhe foi dito, necessariamente essa natureza não se encontra apenas na inteligência, mas também na realidade; e demonstra-se isso afirmando que existir só na inteligência, e se o ser, do qual não se pode pensar nada maior, se encontrasse apenas na inteligência, seria menor que aquele que existe na inteligência e na realidade, e, desta maneira, o ser, pensado como o maior de todas as coisas, seria pelo menos maior do que uma e não seria o maior de todos os seres, o que é contraditório. Assim, esse ser, maior que todos e que já foi demonstrado existir na inteligência, é necessário que exista não apenas na inteligência, mas, também, na realidade; caso contrário, não poderia ser o maior de todos.<sup>25</sup>

Expondo o *Argumentum Unicum* anselmiano, Gaunilo refaz de forma destrinchada toda a argumentação, mencionando o desenvolvimento das colunas lógicas do raciocínio. Deste modo, levando o leitor a ruminar sobre tal pensamento proposto, o monge tem o intuito de constituir sua crítica em favor do insensato. Dessa forma, o insensato terá argumentos para questionar a prova anselmiana.

---

25 GAUNILO, *Livro em favor de um insipiente*, 1973, p. 129-130.

b. Segundo ponto

“Se algo está na minha inteligência somente porque compreendo as palavras que o expressam, então não seria possível também afirmar o mesmo a respeito das coisas falsas ou absolutamente inexistentes, isto é, que se encontram na minha inteligência, porque, ao ouvir alguém falar nelas, eu as compreenderia?”<sup>26</sup>.

Neste segundo ponto, Gaunilo inicia a sua objeção ao *Proslogio* introduzindo sua linha de pensamento. Ele irá questionar o seguinte: assim como posso pensar somente pelo que compreendo através das palavras que são expressadas quando me dizem que “o ser do qual não é possível pensar nada maior” exista em meu pensamento, isso não me dá a validade de verdade em dizer que este mesmo ser exista no mundo real, pois, assim como posso pensar que Deus existe em meu pensamento e provar sua realidade objetiva, da mesma maneira poder-se-ia pensar em coisas falsas e duvidosas. Nas palavras de Boehner e Gilson: “Chama atenção para o fato de que temos pensamentos, não só de coisas existentes, como de coisas não existentes ou mesmo insusceptíveis de existência; pois não é raro termos pensamentos falsos.”<sup>27</sup>.

Em outro momento, Gilson faz alusão a este pensamento e afirma: “de fato, existir como objeto de pensamento não é desfrutar de uma verdadeira existência, é simplesmente ser concebido. Ora, pode-se conceber uma quantidade de objetos irreais, ou mesmo impossíveis, que, embora existam no pensamento, não têm certamente nenhuma existência fora dele. São apenas vistas do entendimento que os concebe, de modo algum realidades”.<sup>28</sup>

Na tentativa de ser mais bem compreendido, Gaunilo discorre esse ponto em três tópicos.

No primeiro, ele faz uma distinção entre dois momentos na inteligência: (a.) quando se compreende o objeto, e (b.) quando se compreende a sua existência. À vista disso, dará o exemplo do pintor que, antes de realizar determinada pintura, a representação

26 *Ibidem*.

27 Philotheus BOEHNER; Etienne GILSON, *História da filosofia cristã*, 2007, p. 267.

28 Etienne GILSON, *A filosofia da Idade média*, 1995, p. 298.

desta já se encontra em sua mente, pois o fato de pensar na pintura não difere em nada sua execução no mundo.

“Se fosse assim, em primeiro lugar, não haveria na inteligência dois momentos, um quando se compreende a ideia do objeto, e outro, a sua existência, como acontece com uma pintura, que primeiro se encontra na mente do pintor e, sucessivamente na obra realizada”.<sup>29</sup>

No segundo tópico, podemos identificar primeiramente seu questionamento no que se refere em uma problemática da linguagem, pois quando atribuímos a Deus uma ideia de grandeza, expressada pela proposição “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, não conseguimos pensar em Deus em si, mas somente na palavra “Deus”. Se não podemos pensar no ser em si, logo, não atribuiremos o valor de sua existência.

“No qual observa que, a propósito do termo ‘Deus’, é bem difícil ter dele um conhecimento substancial, isto é, que vá além do puro significado verbal”.<sup>30</sup>

Em segundo lugar, Gaunilo evidencia o fato de que, se há o intuito de provar a existência de Deus, então há no indivíduo a incerteza de sua existência. Ao ouvir enunciado de que Deus é “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, isto não dá veemência para provar que Deus existe, ou seja, o insensato não adere o fato da existência real de Deus, e ainda continuará a pensar em sua inexistência. Como afirma Strefling, “aí Gaunilo se nega a admitir que se possa pensar que Deus não existe. Pois o fato de ser negada sua existência já demonstra a possibilidade de ser pensada sua não existência. Se é necessário provar que Deus existe, é por que para alguns a sua existência se apresenta como falsa ou duvidosa”.<sup>31</sup>

No terceiro tópico, Gaunilo acredita que quando se refere à prova da existência de Deus, o argumento deve-se exprimir de forma axiomática, isto é, deve expressar-se de forma que não levante nenhum questionamento. O insipiente, mesmo en-

29 GAUNILO, *Livro em favor de um insipiente*, 1973, p. 130.

30 Giovanni REALE, *História da filosofia*, 1990, p. 497.

31 Sérgio Ricardo STREFLING, *O argumento ontológico de Santo Anselmo*, 1997, p. 72.

tendendo que Deus é “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, ainda não se dar por satisfeito de que este mesmo ser exista devidamente no mundo real, pelo motivo de que, assim como posso pensar nesse ser que é maior do que tudo o que posso pensar, cometerei um engano, pois em minha inteligência possuo também coisas incertas, duvidosas e falsas, que compreenderei ao ouvir falar.

c. Terceiro ponto

Neste ponto, o monge tenta romper com argumentação de Anselmo no que diz respeito ao exemplo do pintor, proposto para esclarecer melhor a prova ontológica. O Santo d’Aosta diz que antes do pintor realizar a obra, esta obra se encontra em sua mente e por esse motivo, a obra realizada já existe anteriormente em sua inteligência.

Não obstante, Gaunilo refuta dizendo que a pintura não está na mente do pintor antes de ser executada, e sim está na própria arte do artífice e que é “algo” pertencente o intelecto do pintor. Assim, remete ao pensamento agostiniano para elucidar sua compreensão.

“A pintura, com efeito, antes de ser executada, está na própria arte do pintor e, como tal, ela é ‘algo’ que faz parte da sua inteligência. Por isso, Agostinho diz: ‘Quando um artífice esta para construir uma arca, ele a tem primeiro na sua arte. E, enquanto a arca já realizada, como obra, não é vida, aquela que se encontra ainda na arte é vida porque vive da vida da alma do artífice, na qual se acham todas as intuições, antes de serem realizadas’”<sup>32</sup>.

Tendo em vista sua contestação bem alicerçada, Gaunilo remete ao fato de que toda ciência conhecida provêm da inteligência da alma do pintor, fazendo uma isenção de algo que pertença à propriedade da mente. Assim, constitui uma divergência entre o que é a verdade conhecida da inteligência que conhece. Todavia, mesmo proferindo que “o ser do qual não é possível

---

32 GAUNILO, *Livro em favor de um insipiente*, 1973, p. 131.

pensar nada maior” exista, isso não me dá a justificativa que tal ser exista em minha mente, uma vez que não se diz respeito aquilo que conhece.

d. Quarto ponto

Neste momento, Gaunilo acrescenta o que foi dito anteriormente, que não conseguimos pensar neste ser ou até mesmo tê-lo na mente, nem como referência, nem como grandeza, pois não é possível cogitar no Deus em si e por si. Desta forma, também pode-se afirmar que “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, não exista, o indivíduo não pode nem deduzir sua amplitude, pois na realidade não existe nada que possa compará-lo. Assim, ele apresenta um exemplo:

Se eu ouvisse, pois, falar num homem que não conheço e cuja existência também ignoro, certamente conseguiria concebê-lo como real por meio da noção especial e geral de homem que me permite saber como é um homem. Todavia, devido à mentira de quem ouço falar, o homem imaginado por mim, na verdade, poderia não existir, embora o tenha pensado, segundo uma imagem verdadeira, ainda que não fosse a daquele homem, individualmente, e, sim, de um homem em geral.<sup>33</sup>

Aqui, fica claro o critério utilizado quando o monge Gaunilo enuncia esse exemplo, o fato de imaginar o homem no intelecto não justifica sua existência na realidade, mas, se tem a noção de que seja o homem, é capaz de deduzi-lo, mesmo nunca tê-lo visto ou mesmo se o que foi dito que tal homem existe for uma mentira.

Quando alguém me fala de uma pessoa desconhecida, não há dúvida de que possuo um conhecimento geral daquilo a que meu interlocutor se refere; pois, mediante o conceito de ‘animal sensitivo’, ou o conceito de ‘homem’, posso formar

---

33 *Idem*, p. 132.

uma ideia daquela pessoa. Contudo, daí não se segue, em absoluto, que tal pessoa exista, pois é possível que o meu interlocutor esteja mentindo. Não obstante, o meu conceito de homem é verdadeiro. Pois bem: embora tenhamos uma ideia determinada de ‘homem’, não nos é possível formar uma ideia semelhante de Deus, ao ouvirmos pronunciar a palavra ‘Deus’<sup>34</sup>.

Por conseguinte, quando o indivíduo pensa por uma conotação verbal que Deus é “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, o pensamento não se dirige para a palavra em si, mas para seu significado. Neste âmbito, o significado não passa a ser entendido como um ser supremo que existe e não se pode pensar nada maior, e sim por um esforço de quem ouve e tenta ter a impressão de sua mente, para reproduzir em si o que ouviu. Nada além da palavra, ou seja, não conseguimos pensar no ser em si em que foi atribuído o enunciado “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, mas apenas só entendemos da forma linguística, verdadeira enquanto som de letras e sílabas, e não por substância divina. Portanto, Gaunilo põe em dúvida a possibilidade de pensar o ser maior, criticando a asserção dita da supremacia na inteligência.

e. Quinto ponto

Doravante, Gaunilo já pôs em dúvida a grandeza deste ser, também a possibilidade de conceber este mesmo ser em si, pois é impossível dizer que “o ser do qual não é possível pensar nada maior” é um enunciado verdadeiro, se só pensamos na palavra que foi dita, por causa disso, nega até a perspectiva de pensar o ser maior. Nesse ponto, formará sua crítica negando a dedução que se pode encontrar na realidade a existência do ser supremo.

Quando, ainda, ele afirma que se não existisse na realidade não seria, por tal motivo, o ser maior de todos, não apresenta

---

34 Philotheus BOEHNER; Etienne GILSON, *História da filosofia cristã*, 2007, p. 267.

um argumento suficiente para o interlocutor. Eu, pois, não apenas não concebo, mas nego, ou coloco em dúvida, que exista efetivamente esse ser supremo na inteligência e na realidade; e não lhe concedo existência maior... que aquela que lhe confere o esforço feito pela minha mente ao procurar representar-se um coisa que conhece apenas através de uma palavra que ouviu.<sup>35</sup>

Consequentemente, se é duvidosa sua existência, e que se afirma que não se encontra o ser maior no intelecto, nem no raciocínio, não pode ter o enunciado de que “o ser do qual não é possível pensar nada maior” como uma validade de verdade.

f. Sexto ponto

Aqui neste ponto encontra-se o ápice de toda sua crítica ao argumento ontológico anselmiano, quando se expõe o exemplo da “ilha perdida”. Refutando Anselmo, o monge tenta comparar a ideia de grandeza e a perfeição de Deus com a perfeição de uma ilha.

Alguns afirmam, por exemplo, que há uma ilha num ponto qualquer do oceano e que pela dificuldade, ou melhor, a impossibilidade de achá-la, pois não existe, denominam de *perdida*. Contam-se dela mil maravilhas, mais do que se narra a respeito das *Ilhas Afortunadas*: que, devido à sua inestimável fertilidade, ela está repleta de todas as riquezas e delícias e que, apesar de não haver lá nem proprietário nem habitantes, em fartura de produtos, todas as terras habitadas pelos homens.<sup>36</sup>

Nisso, Gaunilo forma seu pensamento crítico, afirmando que não é suficiente ter a ideia de algo, mas é necessário afirmar sua realidade como tal. Como o exemplo da ilha, ao escutar falar de que existe uma ilha no qual se encontra toda perfeição, e isso faz melhor que outras ilhas, não é concebível a certeza de que tal

35 GAUNILO, *Livro em favor de um insipiente*, 1973, p. 133.

36 *Ibidem*.

ilha exista, mas o indivíduo pela linguagem proferida compreenderá o que está sendo falado, mesmo não tendo convicção de sua existência. Afirma Reale: “Se assim fosse, então bastaria pensar uma coisa, como, por exemplo, uma ilha cheia de delícias e, portanto, a mais perfeita, para que estivéssemos autorizados a admitir sua existência. Assim, Gaunilo refutou a licitude da passagem do mundo *ideal* para o mundo *real*”.<sup>37</sup>

Strefling também expressará sua opinião sobre essa oposição de Gaunilo. “Assim como a existência real deste ser não foi provada em alguma parte, também poderia igualmente querer provar-se a existência de uma ilha perdida, cheia de todas as delícias imagináveis e mais valiosas de todas, não existindo nenhuma outra superior a ela, enquanto que esta é concebida como a melhor de todas”.<sup>38</sup>

A estrutura do argumento ontológico de Anselmo é aplicada, assim, a um objeto diferente para demonstrar a implausibilidade da passagem de uma existência lógica necessária a uma ontológica.

g. Sétimo ponto

Gaunilo pode construir sua crítica voltada à defesa do insipiente para que, ao deparar-se com o *Argumentum unicum*, no qual se refere a Deus como “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, seja efetiva sua oposição diante desta prova ontológica. Sua obra foi elaborada no intuito de demonstrar o ponto de vista do autor, referindo-se como o defensor do insensato.

Por esse motivo, antes de mais nada, deve-se provar a existência de uma natureza superior, que é maior e a melhor de todas as existentes, com um argumento tão sólido, que permita, a partir aí, comprovar e deduzir todas as perfeições que é necessário atribuir-lhe, enquanto é o maior e melhor de todos os seres. Ainda: ao invés de dizer que não se pode

37 Giovanni REALE, *História da filosofia*, 1990, p. 497.

38 Sérgio Ricardo STREFLING, *O argumento ontológico de Santo Anselmo*, 1997, p. 76.

pensar que esse ser supremo não existe, é melhor dizer que não se pode compreender que não exista ou, também, que não pode não existir. Com efeito, segundo o verdadeiro significado do verbo compreender, as coisas falsas não podem ser compreendidas, mas podem ser pensadas, assim como o insipiente pensou que Deus não existe.<sup>39</sup>

Admitindo que antes de afirmar uma prova da existência de Deus através da ideia de que “o ser do qual não é possível pensar nada maior” exista na realidade, é necessário provar a natureza superior deste ser, e assim poder atribuir o valor de grandeza. Essas foram a estrutura de base para o insensato apropriar-se em sua contestação, e ter argumentos suficientes que possam refutar o pensamento anselmiano, no que se refere a existência de Deus.

h. Oitavo ponto

Concluindo seu argumento crítico ao *Proslógio*, o monge Gaunilo evidencia sua admiração pela obra elaborada por Anselmo, mas intensifica que a mesma se apresenta com pouca força para ser elevada como um valor de verdade. O pensamento *a priori* que foi introduzido não demonstrou robustez em seu desenvolvimento, e, por isso, é necessário ser fortalecido com mais vigor, para que, no ponto de vista do autor, seja aceito de forma ilustre e irrefutável. “Os outros argumentos do opúsculo estão expostos com tanta verdade e magnífica beleza, com tanta utilidade e uma fragrância de profundo, piedoso e santo afeto que, de maneira nenhuma, devem ser desprezados por causa desse argumento inicial, escrito com intenção louvável, mas demonstrado com pouca força. Eles, ao contrário, devem ser fortalecidos com uma argumentação mais robusta e aceitos todos com grande veneração e louvor”.<sup>40</sup>

39 GAUNILO, *Livro em favor de um insipiente*, 1973, p. 134.

40 *Idem*, p. 135.

### 3. Responso de Anselmo à objeção do monge Gaunilo

O *Responso* de Santo Anselmo à crítica realizada por Gaunilo está vinculado com seu opúsculo o *Proslógio*, que é de fundamental importância para esclarecer o que o autor intencionava propor em seu *Argumentum Unicum*. Nesta refutação, Anselmo não pretende se dirigir ao insipiente que aborda em seu argumento ontológico, mas dirige-se ao próprio Gaunilo.

#### 3.1 Estrutura do Responso anselmiano

A contestação do monge Gaunilo exigiu que Anselmo reconsiderasse seu argumento ontológico, apresentado em suma por um fundamento lógico e *a priori*, que parte da ideia de que Deus é “o ser do qual não é possível pensar nada maior”. Sua réplica não difere em nada do que foi dito anteriormente, mas fortalece seu raciocínio, salientando melhor seu fundamento metafísico.

No início de sua resposta ao monge, Anselmo mostra-se indignado por ter sido criticado não por um insipiente, contra quem faz oposição no *Proslógio*, mas por um católico, um crente que toma partido em defesa do insensato. “Como as minhas palavras foram contestadas, não pelo insipiente contra o qual argumentei no meu opúsculo, e, sim, por um homem que não é insipiente, mas um católico, que toma a defesa do insipiente, será bastante para mim responder ao católico”.<sup>41</sup>

Este conflito entre o argumento de Anselmo e a crítica do monge Gaunilo se dá porque os dois têm uma compreensão diferente a respeito de Deus. Enquanto Anselmo diz que o indivíduo pode provar a existência de Deus através da ideia *a priori*, Gaunilo o contesta afirmando que não resulta em nada ter somente a ideia de “Deus”.

O desacordo entre os dois adversários é condicionado, antes de tudo, pela diversidade dos seus respectivos conceitos de Deus. Para Gaunilo, trata-se de uma representação espi-

---

41 ANSELMO, *Resposta de Anselmo a Gaunilo*, 1973, p. 135.

ritual da essência divina; e o próprio Anselmo lhe concede que não dispomos de tal representação. Mas nem por isso que carecemos de toda a ideia de Deus. Pois é inegável que, ao falarmos de um ser em comparação ao qual não se pode pensar outro maior, nós compreendemos o sentido destas palavras, ainda que o objeto significado não nos seja inteiramente acessível. Gaunilo assemelha-se a um homem que afirma não poder perceber a luz do dia por ser incapaz de fixar diretamente o sol.<sup>42</sup>

O *Responsio* de Anselmo propõe expressar de forma clara o argumento ontológico, mostrando que:

- a. O *Proslógio* está firmado em um conhecimento filosófico, estabelecido nos fundamentos lógicos, cujo entendimento é cognoscível a qualquer ser que possua razão;
- b. A busca da compreensão de Deus e do *Argumentum Unicum* de que Deus é “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, são o centro de seu pensamento racional;
- c. A proposição “o ser do qual não é possível pensar nada maior” refere-se a grandeza desse ser superior, e que nada pode ser semelhante a Ele, visto que esta asserção é um comparativo de superioridade, e não um superlativo;
- d. Definições que são autênticas em si mesmas não podem ser substituídos pelas definições que Anselmo indica, como “o ser no qual não é possível pensar nada maior” e “aquilo que não se pode pensar como não existente”;
- e. Por fim, o objetivo central do argumento ontológico está no cerne da “ação de pensar sobre Deus” e não demonstrar uma análise conceitual de Deus.

---

42 Philotheus BOEHNER; Etienne GILSON, *História da filosofia cristã*, 2007, p. 268.

a. As inadvertências das interpretações de Gaunilo

Anselmo afirmará que o ato de pensar em Deus já dá a certeza de que “o ser do qual não é possível pensar nada maior” exista em minha inteligência, pois o pensar requer o uso do instrumento da razão, e a razão encontra-se no intelecto. Isso, para o santo, é algo óbvio, já que o raciocínio encontra-se no pensamento de todo ser dotado de razão.

Ora, eu respondo: se ‘*o ser do qual não é possível pensar nada maior*’ não é compreendido pela inteligência ou concebido pelo pensamento, e não existe nem na inteligência nem no pensamento, então Deus não é o ser do qual não é possível pensar nada maior, ou não pensá-lo e, portanto, não existe nem na inteligência nem no pensamento. Para demonstrar quanto isso seja falso, uso como argumento, que não admite réplicas, a tua fé e a tua consciência. Portanto, verdadeiramente é possível compreender e pensar e ter na inteligência e no pensamento, ‘*o ser do qual não é possível pensar nada maior*’. Por isso, ou os argumentos com que tu esforças em provar o contrário não são verdadeiros, ou as conclusões a que acreditas chegar são falsas.<sup>43</sup>

Por ser possível conceber até mesmo as coisas falsas, afirma Anselmo, não há razão para contestar seu argumento que existe no intelecto, pois é entendido pela inteligência mesmo que não se tenha a certeza de que sua existência é real. Ouvindo o que foi anunciado “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, o indivíduo que nele está presente à busca incansável por algo maior, compreenderá o que foi dito, dado que nele está intrínseco a fé e a consciência. E então, para o Santo d’Aosta, Gaunilo equivocou-se em sua crítica, pois isso, não se pode negar à consciência, que o leva a compreensão da fé.

“Apela para fé cristã e a consciência de Gaunilo para convencê-lo, de que possuímos, realmente, uma ideia de Deus. Uma

---

43 ANSELMO, *Resposta de Anselmo a Gaunilo*, 1973, p. 136.

vez concedido este ponto, só nos resta mostrar que Deus existe necessariamente, visto que não se pode pensá-lo senão como um ser necessariamente existente”.<sup>44</sup>

Santo Anselmo procura mostrar a distinção entre o que é pensável do que é impensável. O pensável se reduz ao limite da existência, ou seja, só conseguimos pensar num homem porque conseguimos cogitar o seu início e o seu fim, ao contrário de Deus, que nossa mente racional não consegue abranger este pensamento, já que “o ser do qual não é possível pensar nada maior” não tem início e nem fim. Nisso podemos dizer que este mesmo ser é impensável.

“O que Anselmo pretende é mostrar a necessidade dessa verdade, isto é, que somente a negação desse ser supremo é impensável. Todas as coisas, diz Anselmo, que possuem começo ou fim, ou partes, podem ser pensadas como não existentes. Entretanto, há somente um único algo do qual é impossível pensar que não seja: ele não tem começo ou fim, nem a composição das partes”.<sup>45</sup>

Nas argumentações do *Proslógio*, o pensamento anselmiano desenvolve-se através do raciocínio segundo as “razões necessárias”. É isto que dá a conclusão do pensamento de Anselmo que afirma ser “o ser do qual não é possível pensar nada maior” verdadeiramente é. Pelo fato de se poder ter em no pensamento “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, logo, ele tende a existir necessariamente.

“Anselmo começa por fazer notar que Gaunilo o cita incorretamente. O que está sob consideração não é um ser que seja de fato mais grandioso do que qualquer outro, mas antes o mais grandioso tal que não é possível que exista outro demasiado grandioso. Gaunilo parece não entender a esse aspecto”.<sup>46</sup>

Alvin Plantinga conseguiu estruturar a resposta de Anselmo, defendendo seu argumento, recorrendo a atributos de Deus e, as-

---

44 Philotheus BOEHNER; Etienne GILSON, *História da filosofia cristã*, 2007, p. 268.

45 Paulo Ricardo MARTINES, *O “Argumento Único” do Proslógio de Anselmo de Cantuária*, 1997, p. 69.

46 Alvin PLANTINGA, *Deus, a liberdade e o mal*, 2012, p. 114.

sim, esclarecendo a ideia de grandeza do ser, que o Santo d'Aosta quis expor no *Argumentum Unicum*.

“Afinal, quais são as propriedades em virtude das quais um ser é mais grandioso, apenas enquanto ser, do que outro? Anselmo tem claramente em mente propriedades como sabedoria, conhecimento, poder e excelência moral ou perfeição moral”.<sup>47</sup>

Ao exprimir isso, Plantinga evidencia a sua perspectiva da prova anselmiana da existência de Deus:

E é certo que o conhecimento, por exemplo, tem um Máximo intrínseco: se toda proposição  $p$ , um ser  $S$  sabe se  $p$  é verdadeira ou não, então  $S$  tem um grau de conhecimento completamente inultrapassável. Logo, um ser o mais grandioso possível teria de ter esse tipo de conhecimento: teria de ser *onisciente*. E o mesmo ocorre com o respeito ao *poder*; a onipotência é um grau de poder que não pode, de modo algum, ser excedido. Quanto à perfeição ou excelência moral, talvez as coisas não sejam tão claras; mesmo assim, um ser poderia talvez fazer sempre o que é moralmente correto, de modo que não seria possível que o ultrapassasse quanto a isso.<sup>48</sup>

Um erro que Anselmo encontra na perspectiva de Gaunilo é a má interpretação de seu argumento. Gaunilo não olha atentamente a negação posta por Anselmo na proposição “o ser do qual não é possível pensar nada maior”. Na crítica, Gaunilo raciocina e entende essa frase como “o ser maior entre todos os que se possam pensar”. Isso é um deslize porque Anselmo buscou afirmar que Deus é maior que tudo o que se possa pensar. Isto não corresponde a uma analogia, e sim enuncia que o “o ser do qual não é possível pensar nada maior” sempre terá o atributo de grandeza em tudo o que o indivíduo pense. Por isso, Anselmo afirma que o insipiente se contradiz ao pensar na inexistência deste ser supremo, dado que a Deus não se pode fazer nenhuma comparação.

---

47 *Idem*, p. 116.

48 *Ibidem*.

Gaunilo não repete com exatidão o conceito de Deus usado no *Proslógio*. Santo Anselmo fala no ‘ser do qual não se pode pensar nada maior’, enquanto Gaunilo não presta atenção à negativa colocada por Santo Anselmo e afirma ‘o ser maior entre todos os que se possam pensar’. Aqui, Gaunilo coloca em dúvida até a possibilidade de pensar o ser maior, porque, ao formular a frase, usa o substantivo (o modo de dúvida), enquanto que Santo Anselmo usava o indicativo (modo de certeza).<sup>49</sup>

Ao formular isso, Anselmo afirmará a grandeza desse ser. Se ruminarmos em sua inexistência, então tudo o que é tangível será maior que este ser, ao passo de que não se pode pensar assim, já que Deus é compreendido como possuindo excelência suprema, ou seja, entendido como maior que tudo.

O *Proslógio* quer intensificar que Deus é um ser necessário que existe por si mesmo, ou seja, Deus não depende de nada exterior a ele próprio. Se Deus existe em meu pensamento, logo ele tem que existir necessariamente. Para evidenciar melhor este conceito, Anselmo dispõe do exemplo do pintor, para demonstrar que o conteúdo que contém na mente do artífice já existe antes mesmo de ser executada a pintura na realidade. Na crítica feita pelo monge Gaunilo, Anselmo mostra que ele equivocou-se em sua contestação, pois compreendeu de forma errada seu exemplo, e modificou todo o sentido de seu raciocínio.

“Anselmo faz notar que Gaunilo, iludido pela comparação do pintor e da imagem presente em seu espírito, não prestou a devida atenção ao fato de trazermos em nosso entendimento a ideia de um ser em comparação ao qual não se pode pensar algo maior”.<sup>50</sup>

Outra inadvertência que Gaunilo expõe em sua contestação é o exemplo da *ilha perdida*. Santo Anselmo irá exprimir que houve um equívoco do monge ao comparar seu argumento ontológico com esse exemplo.

49 Sérgio Ricardo STREFLING, *O argumento ontológico de Santo Anselmo*, 1997, p. 75.

50 Philotheus BOEHNER; Etienne GILSON, *História da filosofia cristã*, 2007, p. 269.

Mas tu dizes que esta minha maneira de argumentar equivale aquela de um homem que, depois de descrever uma ilha no oceano que supera em fertilidade todas as terras e, pela dificuldade, o um melhor, a impossibilidade de encontrá-la, pois não existe, é chamada ilha perdida. Afirmasse que não é possível duvidar da sua existência real, porque quem ouve compreende facilmente a sua descrição pelas palavras. Em toda confiança respondo-te que se alguém consegue encontrar-me um ser, excetuando 'aquele do qual não se pode pensar nada maior', existente na realidade ou apenas no pensamento, ao qual seja possível aplicar congruentemente a minha argumentação, eu encontrarei com certeza a ilha perdida e a entregarei a essa pessoa, de modo que nunca mais há perdê-la. Contudo, parece estar já claro que não é possível pensar como não existente 'o ser do qual não é possível pensar nada maior', porque a sua existência alicerça-se numa razão segura e verdadeira. Se assim não fosse, não existiria de maneira nenhuma.<sup>51</sup>

A proporção que Gaunilo indica é incoerente, pois tenta comparar analogamente Deus, que é grandioso, todo-poderoso, todo-perfeito, com uma ilha perdida. Se pensarmos como uma comparação, mesmo esta ilha havendo muitas perfeições, abundância em seus frutos, dentre tantas coisas, sempre haverá uma ilha maior e mais perfeita, pois não possuirá um máximo intrínseco.

A resposta apropriada de Anselmo, parece-me, é que é impossível que exista tal ilha. A ideia de uma ilha mais grandiosa do que a qual nenhuma outra é possível é como a ideia de um número natural maior tal que nenhum outro é possível. Não só não há como não poderia haver um número natural possível que fosse maior, quanto mais um possível. E o mesmo acontece com as ilhas. Por mais que uma ilha seja grandiosa, por mais que haja donzelas núbeis e dançarinas que a adornem, poderia sempre haver outra

---

51 ANSELMO, *Resposta de Anselmo a Gaunilo*, 1973, p. 139.

mais grandiosa, com o dobro de donzelas e dançarinas, por exemplo... a maior parte dessas qualidades não tem uma *máximo intrínseco*.<sup>52</sup>

O bispo d'Aosta quer ratificar que pensar o ser máximo pensável remete-nos à realidade, a um ser que contém todas as atribuições e perfeições necessárias em grau absoluto, ou seja, o “ser do qual não é possível pensar nada maior” tem em si toda plenitude, integridade, e superioridade necessária para sua existência, pois não há nada que o semelhar-se com sua magnitude.

A resposta de Anselmo consiste em salientar que seu argumento não pode ser posto a nenhuma coisa com exceção do “ser do qual não é possível pensar nada maior”. Essa não seria uma afirmação desnecessária, mas segue-se dos métodos dialético. Este *Argumentum Unicum* só pode determinar a existência deste ser supremo e nada mais. Ilhas e tudo o que é sensível não existem em sua plenitude, pois tudo o que tem começo sempre dependerá de alguma coisa para sua durabilidade.

Tudo aquilo, em suma, que é composto de partes pode ser descomposto pelo pensamento e concebido como não existente. Por conseguinte, aquilo que não existe inteiro por toda parte e sempre, ainda que exista, admite ser pensado como não existente. Entretanto, ‘o ser do qual não é possível pensar nada maior’, se existe, não pode ser pensado como não existente; caso contrário, se existe, não é ‘o ser do qual não é possível pensar nada maior’. E isto é contraditório. Portanto, ele não existe inteiro num lugar ou tempo determinados, mas existe inteiro por toda parte e sempre.<sup>53</sup>

Objetos que têm início ou fim ou composição de partes podem ser admitidos como coisas falsas e duvidosas. Mas, quando nos referimos ao “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, isso não pode ser considerada uma verdade, na medida em que não há como se comparar a sua grandiosidade a nada que é existente.

52 Alvin PLANTINGA, *Deus, a liberdade e o mal*, 2012, p. 115.

53 GAUNILO, *Livro em favor de um insipiente*, 1973, p. 137.

Assim, Santo Anselmo dispõe os limites da arte dialética, de maneira que o argumento necessário só pode haver negação à custa da racionalidade de quem o nega. Evidencia a força de seu *Argumentum Unicum* ampliando sua apreensão de que Deus é “o ser no qual não é possível pensar nada maior” de uma forma que não permite contradições em seu conceito racional da existência de Deus.

Tendo assim estabelecido, o insensato não desempenha mais nenhum papel na argumentação, pois Anselmo se move de um argumento provável para um necessário, e pode concluir que Deus existe.

“Uma vez concebida a noção de Deus dada pela fé, à tarefa é somente mostrar que Deus existe necessariamente, uma vez que não se pode pensá-Lo, sem pensá-Lo como existente. O dado da fé faz parte do contexto vital. Por isso, Santo Anselmo se sente confiante com sua prova e não vê consistência nas objeções de Gaunilo”.<sup>54</sup>

## Conclusão

A pesquisa desenvolvida nesse artigo sobre a obra de Santo Anselmo, o *Proslógio*, refere-se à prova da existência de Deus, estruturado no pensamento racional *a priori*, expondo o *Argumentum Unicum* anselmiano. Vemos que o santo d’Aosta teve o ensejo de incluir um pensamento filosófico, estabelecendo um entendimento lógico-racional da existência de Deus, ou seja, uma tentativa de racionalizar a fé.

Mesmo tendo um profundo conhecimento do platonismo e na concepção agostiniana, ele buscou realizar seu argumento ontológico partindo de uma ideia *a priori* que Deus é “o ser do qual não é possível pensar nada maior”. Anselmo tem a pretensão de provar a grandeza deste ser para o insipiente que nega a existência deste ser maior na realidade. Se o indivíduo consegue pensar através da razão que existe este “ser do qual não é possível pensar nada

---

54 Sérgio Ricardo STREFLING, *O argumento ontológico de Santo Anselmo*, 1997, p. 84.

maior”, então necessariamente tenho que crer que este mesmo ser também exista na realidade.

O primeiro a contestar este *Argumentum Unicum* foi Gaunilo de Marmoutier, tomando a defesa do insensato. Este não aceita que tudo o que é possível pensar necessariamente tem de existir na realidade, pois, assim, como consigo provar que Deus existe através do que é pensável, posso também provar os pensamentos falsos e duvidosos, visto que são objetos mentais de minha consciência.

Com a crítica de Gaunilo, Anselmo é impelido a reconsiderar seu argumento ontológico. A sua réplica não diverge em nada do que foi dito por ele anteriormente, mais reforça a estrutura de seu pensamento. Inicia seu *Responsio* mostrando as inadvertências realizadas por Gaunilo e suas falhas nas interpretações de seu pensamento.

Portanto, o estudo que fazemos do pensamento anselmiano da prova da existência de Deus refere-se a um estudo propedêutico que merece aprofundamentos posteriores, especialmente quanto ao fascínio que ele realizou nos filósofos que o seguiram na busca de uma compreensão lógico-racional de Deus.

## Referências Bibliográficas

ANSELMO. *Proslógio*. São Paulo: Abril, 1973. (Os Pensadores).

ANSELMO. *Resposta de Anselmo a Gaunilo*. São Paulo: Abril, 1973. (Os Pensadores).

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã*. 10ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

GAUNILO. *Livro em favor de um insipiente*. São Paulo: Abril, 1973. (Os Pensadores).

GILSON, Etienne. *A filosofia da Idade média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARTINES, Paulo Ricardo. *O “Argumento Único” do Proslógio de Anselmo de Cantuária*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

MONDIN, Battista. *Quem é Deus: elementos de teologia filosófica*. São Paulo: Paulus, 1997.

PLANTINGA, Alvin. *Deus, a liberdade e o mal*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

REALE, Giovanni. *História da filosofia*. 6 ed. São Paulo: Paulus, 1990. (v. 1).

STREFLING, Sérgio Ricardo. *O argumento ontológico de Santo Anselmo*. 2<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

